

Quem gosta de ser animal!?

por Albano Naroromele

Para Isufu Niala, um velho que já deve ter vivido perto de 60 anos, é inadmissível aquilo que os bandidos armados lhe fizeram. Ele viveu durante 20 anos na Tanzânia onde conseguiu, com suor, organizar minimamente a vida. Até voltou de lá com uma vasta cultura religiosa, motivo por que adquiriu modos especiais de linguagem e vestia-se impecavelmente como um *ajissitamus* (muçumano) prestigiado.

Além da batina dos *ichehes* (chefes dos muçulmanos), alguns *cofid*s um fato com colete e terno, sapatos e outros pertences pessoais, Isufu Niala trouxe da Tanzânia outros bens para a sua família. Decidiu regressar daí e Paia para a sua terra natal, convencido de que tinha em seu poder os meios necessários para passar o resto da vida na maior das calmas e com as mínimas condições.

Só que, precisamente no mês que ele chegou à sua aldeia de Matiquiti, situada em Meloco, chegaram também os bandidos armados, que em Cabo Delgado receberam o nome de *kanannyathas* (assassinos sem escrúpulos). Tal como os restantes habitantes de Matiquiti, o velho foi despojado de tudo. Os ladrões levaram-no para o mato, depois de terem queimado a aldeia inteira.

Após isso, veio a miséria no corpo de Isufu Niala. Vestiu-se de tanga de casca de árvore e tem os pés rachados de tanto andar descalço durante um ano no mato. Aém disso durante todo este período, os bandidos armados não lhe deixavam fazer uma vez por outra à aldeia destruída, onde eles não queimaram a mesquita, com a promessa de que respeitavam os religiosos e as suas orações na casa do Alá.

— São piores que os animais — desabafou colérico, o velho, quando teve a oportunidade de falar, em *awshilia*, com o dirigente da província de Cabo Delgado A'beru Chloande.

Mas a história dos bandidos armados na aldeia de Matiquiti, desde a sua chegada até à recuperação da população activa pelas FAM/FPLM, passando pela vida dos camponeses cativos nas antigas povoações, foi-me contada por um outro velho Muhakhu Niatu.

É difícil determinar a idade deste homem, uma vez que ele mesmo afirma que envelheceu tanto num ano de cativo que já não lhe interessa saber quantos anos terá vivido na realidade, para não morrer depressa. É o gosto de acenar a expressão oral com gestos vigorosos mesmo que o esforço de gesticular lhe arranque por vezes gemidos abafados, porque este corpo já não lhe obedece como deve ser.

— Os bandidos chegaram aqui de noite — conta o velho — e contactaram com os antigos régulos. Também contactaram com os *ichehes* aqui. Disseram a estes homens que eles, os bandidos, tinham expulso a Freixo de Moçambique e que queriam falar com a população no dia seguinte. Na mesma noite os antigos régulos, ajudados pelos *cofid*s do tempo colonial, passaram de casa em casa a convocar-nos com ameaças, para a reunião dos bandidos.

No dia seguinte apareceram os *kanannyathas*. O velho não se recorda de quantos eram, mas lembra-se de que o chefe do grupo disse chamar-se *Xirico* e o seu adjunto *Mp'ia*. De qualquer maneira, eram suficientes para cercar a população reunida apontando-lhe as armas.

A primeira coisa que fizeram foi anunciar que os antigos régulos passavam a ser de novo as autoridades dos camponeses, que deviam abandonar a aldeia e ir viver nas antigas povoações. Quando aos *cofid*s, esses foram imediatamente incorporados nas fileiras dos bandidos armados.

— Como os *cofid*s não têm armas — adianta Muhakhu Niatu — e os bandidos só traziam armas para eles receberam ordens de lutar com catanas machados, ou azagaias. É por isso que eles não matam com balas, mas com essas catanas. Os *cofid*s também foram nomeados *amadjibas*, aqueles que depois passaram a controlar-nos no mato, para não fugirmos e fornecer informações aos bandidos.

Depois destas nomeações, os *kanannyathas* proibiram os camponeses de fazer perguntas, afirmando que a partir daquele dia, a população só tinha que obedecer caso contrário seria massacrada.

— Então disseram-nos que eles só trabalhavam — retomou o velho — mas quem governaria sem eles ora que não tardaram a chegar. Por isso, nós ficamos a saber que o pai era velho e branco. Depois ordenaram-nos a todos a ir para as nossas casas e trazer tudo quanto nos pertencesse, incluindo a roupa que trazíamos no corpo. Ficámos de boca aberta.

Perante a rejeição dos camponeses em cumprir esta estranha ordem, os bandidos anunciaram que matariam os desobedientes e para provar, procuraram saber onde estava o presidente da aldeia, a quem queriam assassinar em primeiro lugar, em público. Tal crime não se consumou, porque a pessoa procurada estava ausente mas os *kanannyathas* mataram selvaticamente todos os familiares do presidente da aldeia presentes na altura: o pai, e desde a mãe até os filhos, passando pela mulher, pai e filhos.

Numa conversa anterior com o Primeiro Secretário do Partido e Administrador da Localidade de Meloco, soubera que se à chegada dos bandidos armados na zona, em nenhuma aldeia existia Milícias Populares organizadas e com armas.

Depois de se apoderarem de todos os bens da população, os bandidos obrigaram cada camponês a queimar a sua própria casa, dando um prazo de dois dias para que a aldeia fosse completamente destruída. Parte da população de Matiquiti foi raptada no mesmo dia e obrigada a transportar os bens roubados. Os *amadjibas* ficaram a controlar a execução da ordem de destruição da aldeia, após o que, cumprindo as instruções dos seus patrões evacuaram a população para as antigas povoações.

Os antigos régulos tomaram parte activa no rapto dos camponeses para o cativo. Conta-se que o antigo régulo Mukho, por exemplo, mandou assassinar a catenada pelo menos 14 elementos da população (na aldeia Khaiapwa, a poucos quilómetros de Matiquiti) que se recusavam a viver nas antigas povoações.

— Como é que viviam lá no mato? — perguntei ao velho. — Passávamos a vida a transportar comida para os bandidos — respondeu Muhakhu Niatu. — Quando não havia outra coisa mandavam-nos caçar ratos, coqueiros ou caracóis para eles comerem. Havia uma coisa que ninguém experimentava fazer lá no mato: esquecer-se de levar comida para os bandidos todas as vezes que eles convocavam uma reunião.

Segundo o velho, nas primeiras reuniões, os *kanannyathas* diziam que os brancos que viriam governar Moçambique trariam roupa e todos os artigos de primeira necessidade para a população. Diziam ainda que os bens por eles roubados aos camponeses seriam devolvidos aos seus donos.

— Mas o tempo passou — conta Muhakhu Niatu — e nós

não víamos nada, e não ser morrer de qualquer maneira e a vestirmos de tanga de casca de árvores. Sabe? Fomos mesmo nus para as antigas povoações. Muitos de nós fugiram lá no mato. É por isso que os bandidos começaram a ordenar os *amadjibas* para matarem pessoas à na estrada por onde vocês vieram. Depois diziam-nos que, se fugíssemos, seríamos mortos pelos soldados da Freixo.

Foi nessa altura que os *kanannyathas* deixaram de fazer promessas e começaram a obrigar os seus prisioneiros a participar num outro tipo de reuniões. Eram sessões de culto e, segundo o velho Muhakhu Niatu, não faziam culto aos nossos antepassados, porque os bandidos não são daqui, vieram de fora e aqui eles não têm antepassados.

— Eram cerimónias estranhas — recorda-se o velho. — Primeiro, o chefe deles despiu toda a roupa e ficava de cuscos. Depois implorava a Deus para que matasse todos os soldados da Freixo ou, no mínimo, as armas da Freixo deixassem água quando fossem disparadas contra os bandidos.

O chefe era secundado pelo seu adjunto, após o que chegava a vez dos régulos e da população, um por um. De acordo com o velho, se os *kanannyathas* deixassem os camponeses fazerem perguntas e o próprio teria sido o primeiro a procurar saber a razão de ser deste tipo de pedidos a Deus. Uma vez que, quando chegaram, os bandidos afirmaram ter expulso a Freixo de Moçambique.

— Mas vocês divertiam-se lá no mato? Dançavam canavam, bebiam? — insisti e o velho dirigiu-me um sorriso sem significado, o qual desapareceu subitamente quando os lábios que o gerara pronunciaram as seguintes palavras:

— Tudo era silêncio. Andávamos como animais fugitivos. Os bandidos proibiam-nos de cantar ou dançar, dizendo que fazíamos barulho. Mas tarde descobrimos que não era barulho mas medo que eles têm da Freixo. Mas como gostam de beber, mandavam-nos fabricar *knipha* para eles. Se alguém tivesse sorte, recebia em troca um pedaço de roupa que os bandidos nos roubaram quando chegaram.

— Quando vocês adoeciam havia medicamentos? E as crianças adoeciam?...

— Eles não têm nada — disse o velho, enérgico e com desprezo, cortando-me a palavra. — Muitas vezes até nem têm balas, porque chegam a ameaçar as populações com armas sem balas. Escostas? Eu não vi nada disso. Não vê como estão as nossas crianças? Lá quando alguém adocece só cura quando não chega o dia de morrer. Ouça uma coisa: se as pessoas que estão agora com eles pudessem fugir, sairiam todos do mato. Quem gosta de ser animal?!